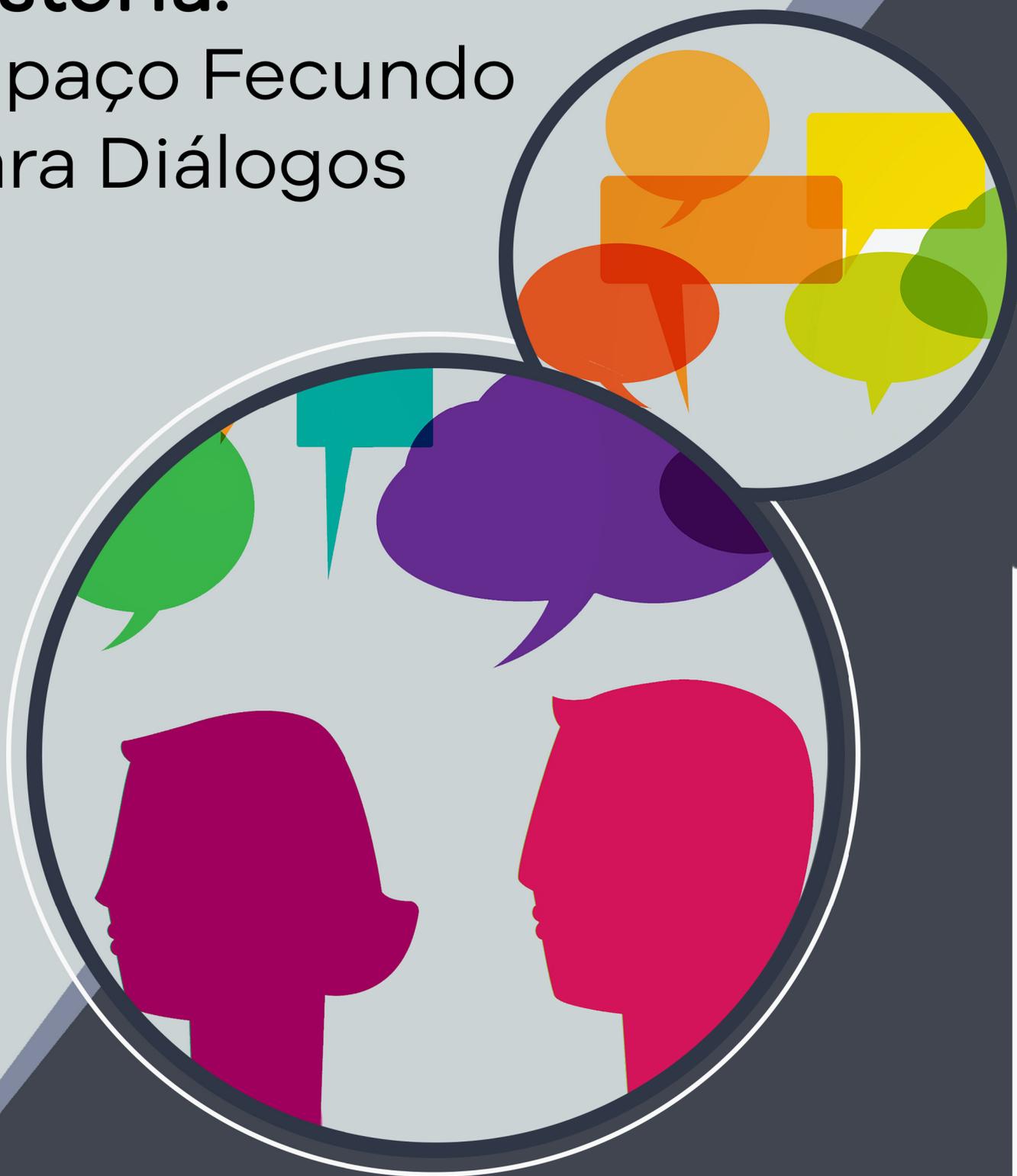


História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927091	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927092	
CAPÍTULO 3	27
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927093	
CAPÍTULO 4	37
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927094	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927095	
CAPÍTULO 6	58
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927096	
CAPÍTULO 7	74
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927097	
CAPÍTULO 8	89
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927098	

CAPÍTULO 9	97
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927099	
CAPÍTULO 10	108
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270910	
CAPÍTULO 11	120
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i>	
<i>Monique Villani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270911	
CAPÍTULO 12	132
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Samara Hevelize Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270912	
CAPÍTULO 13	145
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Fabíola Pezenatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270913	
CAPÍTULO 14	157
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i>	
<i>Daiane Silva Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270914	
CAPÍTULO 15	170
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270915	

CAPÍTULO 16	180
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLETT-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i> <i>Hélio Sochodolak</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270916	
CAPÍTULO 17	200
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270917	
CAPÍTULO 18	211
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270918	
CAPÍTULO 19	219
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270919	
CAPÍTULO 20	228
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270920	
CAPÍTULO 21	241
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270921	
CAPÍTULO 22	254
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270922	
CAPÍTULO 23	265
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i> <i>Ismael Antônio Vannini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270923	

CAPÍTULO 24	276
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270924	
CAPÍTULO 25	291
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270925	
CAPÍTULO 26	308
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270926	
CAPÍTULO 27	318
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270927	
CAPÍTULO 28	326
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270928	
CAPÍTULO 29	337
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270929	
CAPÍTULO 30	349
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270930	

CAPÍTULO 31	364
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270931	
CAPÍTULO 32	373
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270932	
CAPÍTULO 33	384
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270933	
CAPÍTULO 34	393
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270934	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	403
ÍNDICE REMISSIVO	404

HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES

Dehon da Silva Cavalcante

Mestrando do Programa de Pós Graduação
História/ICHCA/UFAL

RESUMO: este artigo pretende colocar como objeto de discussão a História, o passado e a memória como campos independentes de exploração do conhecimento, mas que se inter-relacionam, aproximam-se e se distanciam a partir das leituras e narrativas que se fazem do tempo e do espaço, como também, dos sujeitos compreendidos nesta dinâmica. É necessário que se avance no conhecimento sobre esses temas relevantes no sentido de melhor compreender as ausências, os silêncios e os lugares que estão sendo ocupados pelas memórias na atualidade. Os distanciamentos sobre estes temas pode favorecer o não questionamento sobre quais memórias deveriam ser visíveis, seja na História, nas praças das cidades, em monumentos e até mesmo no imaginário das pessoas. De outra forma, as aproximações podem revelar os esquecimentos, sejam eles intencionais ou não. O domínio sobre esta temática concorre para um ensino de História mais eficaz. Os estudos de David Lowenthal, Pierre Nora, Michael Pollak, Maurice Halbwachs, entre outros, serão utilizados como referências bibliográficas neste trabalho, pois contribuem para melhor elucidar

estas questões.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Memória. Passado.

HISTORY, PAST AND MEMORY: READINGS AND APPROXIMATIONS

ABSTRACT: this article intends to put as an object of discussion History, the past and memory as independent fields of exploration of knowledge, but that are interrelated, approach and distance themselves from the readings and narratives that are made of time and space, as well as the subjects included in this dynamic. It is necessary to advance in the knowledge on these relevant subjects in order to better understand the absences, the silences and the places that are being occupied by the memories at the present time. The detachments on these themes may favor the non-questioning of which memoirs should be visible, whether in history, city squares, monuments and even in the imaginary of people. Otherwise, approximations can reveal forgettings, whether intentional or not. The mastery of this subject contributes to a more effective teaching of History. The studies by David Lowenthal, Pierre Nora, Michael Pollak, Maurice Halbwachs, among others, will be used as bibliographical references in this work, since they contribute to better elucidate these questions.

KEYWORDS: Teaching History. Memory. Past.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Partido da premissa que só nos posicionamos efetivamente a partir do conhecimento dos fatos ou situações vividas, torna-se relevante o domínio dos conceitos e das especificidades do ensino da história, como também, o exercício da leitura mais aprofundada sobre o passado, a memória e a História, como forma de aumentar as chances de se aproximar da realidade ocorrida no passado distante ou compreender as questões cotidianas. As relações de disputas presentes em cada um dos temas leva-se, a princípio, numa leitura indolente em relação à escrita da História ou análise da memória, assumir posicionamentos precipitados, sobre um ou outro tema, atribuindo juízo de valor.

A partir das observações sobre o ensino de História nos 9º (nonos) anos do ensino fundamental e 1º (primeiros) anos do ensino médio, em duas escolas da educação básica no município de Palmeira dos Índios - AL, enquanto bolsista do Programa de Iniciação de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), realizadas entre 2014 e 2015, verificou-se a necessidade de abordagem sobre os conceitos que envolvem a História, a memória e o passado.

Este trabalho estrutura-se em três capítulos; o primeiro trata sobre as questões que envolvem a credibilidade do passado: “Que passado acreditar? Como reconstruir o passado?”; o segundo capítulo trata das disputas que envolvem a memória e o passado: “Memória e História uma relação de disputas”; o terceiro capítulo trata dos distanciamentos e aproximações entre a História e a memória: “Memória e História: entre distanciamentos e aproximações”.

2 | QUE PASSADO ACREDITAR? COMO RECONSTRUIR O PASSADO?

São perguntas estimulantes do ponto de vista do historiador ou do professor de História, pois já possuem certo domínio dos pressupostos teóricos e metodológicos que envolvem a temática, entretanto, aqueles que não se debruçam sobre este estudo, podem se perguntar: o que se sabe sobre o passado realmente aconteceu? Ou como se podem resgatar das consciências dos sujeitos individuais ou de grupos de indivíduos as suas memórias, atribuindo-lhes credibilidade? David Lowenthal (1998, p.67) afirma: “O passado se foi; sua analogia com aquilo agora visto, lembrado ou lido jamais pode ser provada. Nenhuma afirmação sobre o passado pode ser confirmada pelo exame de fatos presumidos”. Contudo, sabe-se da importância de visitar este passado como forma de estabelecer vínculos com o presente para legitimar o pertencimento a uma família, nação, cultura ou classe social. Assim, torna-se imprescindível não apenas conhecer o passado, ou o que se diz sobre ele, mas, sobretudo, saber fazer as leituras e releituras dele, a partir das testemunhas,

lembranças, vestígios, fragmentos e pistas deixadas, às quais serão questionadas pelas provocações que o tempo presente suscita.

O fato de não poder verificar o passado pela observação ou pela experimentação cria alguns entraves para aqueles que são amantes da materialidade ou da positividade; seus posicionamentos servem de pretexto para atestar que só acreditam naquilo que podem ver ou experimentar, em outras palavras, naquilo que podem ser provada a sua existência. Estes, na maioria das vezes, desprezam as análises subjetivas das fontes ao mesmo tempo se esquecem de que são das incertezas que brotam o senso criador do homem, como assertiva de que são através das análises, pistas, fragmentos, narrativas e registros históricos, que se podem inferir prováveis aproximações com a realidade acontecida. O passado outrora localizado distante, incognoscível, passa a ser através da teoria e metodologia, recriado, lembrado e pelas evidências das pesquisas e rastros seguidos se aproximam da verdade.

Nesse contexto, acredita-se que nos registros feitos pelos historiadores, ao mesmo tempo em que se tem a necessidade de submetê-los às análises e interfaces do tempo presente, considerando as subjetividades implícitas em sua narrativa, justificam-se não como forma de desacreditar no que está posto, mas de considerar a existência de lacunas não preenchidas em relato anterior. Assim, desenvolve-se o senso crítico e avança-se no conhecimento sobre o objeto de estudo.

O lidar com o tema “passado” nas pesquisas sobre o ensino de História, por exemplo, possui importância fundamental por motivos diversos: especialmente pela necessidade do domínio teórico e metodológico que o tema comporta, ele é a matéria prima dos historiadores, no entanto, esta realidade causa bastantes conflitos de interpretação nos alunos da educação básica, sobretudo por que existe no imaginário da maioria desses estudantes a pretensão de se acreditar numa verdade absoluta a partir de uma narrativa histórica que comporte a totalidade dos acontecimentos, o que não corresponde com os propósitos historiográficos.

Assim, torna-se urgente avançar no conhecimento sobre a História, o passado e a memória, de maneira que se possa desconstruir pré-conceitos, especialmente quando se retoma a assuntos presentes no cotidiano da sociedade e que dialogam com o presente, como por exemplo, o ensino da cultura afro-brasileira e indígena. A historiografia a partir da década de 80 do século XX já se posiciona diferente em relação à cultura dessas etnias pelo que se retratava no início deste mesmo século. Anteriormente não se levava em consideração as diferenças culturais existentes, mas ao longo do tempo foram sendo compreendidas as suas especificidades e, através de lutas pelo respeito à diversidade cultural, mudaram-se muitos posicionamentos sobre a cultura desses povos.

Lowenthal (1998, p.83) afirma:

Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da

memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos selves anteriores, por mais diferente que tenhamos nos tornado. [...] A perda da memória destrói a personalidade e priva a vida de significado.

Logo, as pessoas lembram-se do passado para reconstruir suas histórias, seja no campo individual ou coletivo. As lembranças evocam a memória e afloram as continuidades de pertencimento a uma determinada história, cultura, povo e lugar. O afloramento das memórias silenciadas conduz ao devido lugar de reconhecimento dos verdadeiros heróis, ao passo que também pode revelar verdadeiros vilões disfarçados em “pele de cordeiro”.

3 | MEMÓRIA E HISTÓRIA UMA RELAÇÃO DE DISPUTA

Inicialmente, ressalta-se que os dois campos: memória e História, no final do século XVI e durante o século XVII, se confundiam como um único campo do saber, pois nessa época as ciências ainda não tinham sido constituídas de forma autônomas. Grandes nomes da intelectualidade, pensadores, filósofos como Descartes, Galileu, Pascal, Francis Bacon, entre outros, menosprezavam os “Doutores da memória” e conseqüentemente aquilo que eles estudavam, ou seja, os seus objetos de estudo, como as lembranças, a memória, o passado e a História.

No final do século XIX quando a História se constituiu como ciência, e também, no início do século XX, outros pensadores como Pierre Duhem, Ernst Mach, Paul Valéry, Virginia Woolf, Robert Musil, Fran Kafka, entre outros, também criticavam veementemente a história afirmando que era preciso deixá-la de lado, esquecê-la, pois representava um entrave à compreensão do conhecimento sobre a vida humana. Assim, nasce a ciência História, sendo pressionada e discriminada pela intelectualidade da época. Os historiadores foram sensíveis a este processo, pois pensaram que para ter acesso ao conceito da verdadeira ciência era preciso submeter à memória à ciência social, à qual estava moldada e apoiada pelos pensadores das ciências da natureza.

A contextualização acima se faz necessário para compreender como estes acontecimentos reverberaram no século XX com a prática da escrita da história oficial e como, também, o ensino de história se comportou a partir desses desdobramentos, isto é, se a produção historiográfica contemplava a história vista de cima como as memórias subterrâneas apareceriam? Este fato transparece-se de forma muito visível, por exemplo, na produção dos livros didáticos. Qual espaço se destina a história afro-brasileira e indígena nesses livros? Quais os aspectos que devem ser ofertados de formação na formação dos professores para se pensar esta temática? Qual lugar de memória se deve atribuir a esses sujeitos? Sem dúvidas, a invisibilidade aliado a inferioridade foi pensada para os sujeitos pertencentes a estas etnias.

Contudo, este quadro começa a mostrar indícios de esgotamento historiográfico,

haja vista que os grandes acontecimentos historiográficos vivenciados pela humanidade, como o holocausto ocorrido no decorrer da Segunda Guerra Mundial, bem como, o processo de escravidão de negros e índios nas Américas, sobre os quais, a história oficial não estava dando conta de explicar. Por conseguinte, houve uma espécie de revolta contra os ditames dessa história que não davam conta das explicações sobre esses acontecimentos, os quais eram retratados, em grande parte, na ótica da elite, obscurecendo os reais motivos pelos quais tantas vidas foram ceifadas. A partir de 1970 houve uma espécie de revanche da memória sobre a história.

Segundo Loriga (2009. P.16):

O que permanece insuportável é a ideia de que mesmo os crimes mais atrozes possam cair no esquecimento, de que mesmo o horror possa se transformar em pó: que a neve tenha recoberto as valas comuns na Ucrânia e os campos de morte dos armênios na Anatólia, que as dunas da Namíbia tenham soterrado os corpos dos hererós mortos em 1904 pelo general Lothar Von Trota. Como se pode ver na reportagem fotográfica de Simon Norfolk sobre o genocídio, mesmo os crimes mais ignominiosos são mortais, “o mal conta com certeza de que a erva cobrirá os túmulos cheios de cal viva, de que a terra devorará os cartuchos, de que as vozes humanas se calarão e de que a memória fracassará”.

Percebe-se o importante papel do historiador, sua função social, pois seguindo metodologia própria, aliado a teoria, testemunhos, vestígios e fontes, como também com o apoio das ciências como arqueologia e paleontologia podem-se colocar na história, a partir do resgate da memória os verdadeiros heróis. No Brasil até o final da década de 1990 só era ensinado nos livros didáticos a trajetória dos negros oriundos da África, associando-os ao processo das viagens marítimas ocorridas no século XV e XVI e ao tráfico de escravos.

Que lugar de memória se quer atribuir aos sujeitos históricos desse processo? São estas disputas entre História e memória que se fazem presentes no ensino de história, no livro didático. Após a Lei 10.639/03 e 11.645/08, o ensino de História passa a ter nova configuração nas escolas públicas e particulares da educação básica com a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e indígena nestes estabelecimentos de ensino.

4 | MEMÓRIA E HISTÓRIA: ENTRE DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES

Entre os questionamentos sobre qual a verdadeira memória a resgatar ou qual a correta história a narrar surgem às aproximações e os distanciamentos entre ambas. Assim, pode-se indagar: o que de fato estes temas possuem em comum? Certamente a busca pela verdade ou o que se possa representar dela, certamente é um dos pontos convergentes que une as análises em torno dessas temáticas. Também, se constata que o passado é o lugar em comum entre a História e memória, constituindo-

se no verdadeiro palco, sobre o qual, ambas irão fazer as perguntas e colher as respostas dos sujeitos envolvidos, sejam eles individuais ou coletivos, testemunhas vivas ou apenas fragmentos do tempo transcorrido. Importa perceber que ambas estão sempre em conformidade na procura de traços e vestígios que possam ligar o passado ao presente, ao mesmo tempo em que podem preencher as lacunas deixadas pela historiografia à luz dos questionamentos feitos em cada época.

Segundo Menezes (1992, p. 16):

Se a memória costuma ser automaticamente correlacionada a mecanismos de retenção, depósito e armazenamento é preciso apontá-la também como dependente de mecanismos de seleção e descarte. Ela pode, assim, ser vista como um sistema de esquecimento programado. Sem o esquecimento a memória humana é impossível.

Pode-se inferir a partir de um estudo mais aprofundado, como demonstra o autor na citação acima, nova constatação presente no tema memória, ou seja, a sua condição de existência está associada ao esquecimento. Logo, se tem memória quem se esquece. De outro modo, pode-se afirmar que pela condição de se esquecer de algo se percebe que de fato o passado existe e a sua existência está associada ao presente. Conclui-se, neste caso que a reminiscência da memória parte do presente, ou estimulada por este e vai buscar no passado as lembranças contidas no esquecimento, mas que vem a luz a partir das provocações ensejadas pelas demandas dos sujeitos do presente.

Em outra concepção, não de afinidades, mas de oposição, existe autores que contestam esta proximidade entre a História e a memória, pois ao se pensar quais memórias se tornam visíveis e quais Histórias são escritas, precisa-se refletir também sobre o domínio que uma exerce sobre a outra ou tenta exercer em um dado momento, de acordo com as condições favoráveis e as circunstâncias próprias que envolvem o domínio político e o poder que pode resultar, certo predomínio, da História em relação à memória e vice versa. Nem sempre coexiste harmonia e autonomia entre estes temas complexos, mas ao coabitarem no campo do passado possuem estreitos laços com o presente.

De acordo com Pierre Nora (1993, p. 9):

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomemos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. [...] a história pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal.

Como se observa existe uma espécie de extrema disputa entre quais espaços

são ocupados, seja pela prevalência da memória ou da História, sendo também objeto de disputas a construção do pensamento das escolas historiográficas, levando-se em consideração as particularidades que se formam a partir dessas leituras em relação à escrita da História. Pierre Nora (1993) afirma que existe um criticismo no coração da História que caminha no sentido de destruir a memória, pois a coloca sempre como suspeita nas situações onde se precisa resgatá-la.

A historiografia contemporânea por sua vez vem tentando responder a questões atuais sobre a crescente valorização da memória diante do seu correlato esquecimento, isto é, se observa uma crescente visibilidade dos fatos e feitos ocorridos no passado, excluindo do lugar da memória oficial aqueles que a história oficial não os revelou como coparticipantes do processo histórico, ou seja, os heróis invisíveis, as culturas retraídas, os algozes, os sofrimentos que os negros e índios foram submetidos no decorrer expansão colonialista ocorrida nas regiões como a África e a América.

A compreensão mais aprofundada sobre a temática memória e História e suas inter-relações com o passado avança no campo historiográfico para dar respostas às interfaces, que estão presentes no ensino de História, como requisito para bem elucidar as particularidades dos fatos narrados. Não cabe apenas o debate de aferir quem é mais importante ou quem é mais verdadeira do ponto de vista do resgate do passado, mas, sobretudo, compreender que a História e a memória possuem compromissos em se aproximar da verdade. Assim, de acordo com os estudiosos sobre estes temas, para se chegar ao conhecimento mais seguro, faz-se necessário mergulhar nas suas especificidades para trazer a luz da historiografia e conseqüentemente do próprio ensino de História, os conceitos que corroborem com a dinâmica do espaço/tempo em que tanto os historiadores pesquisadores como o professor de história educador possam compartilhar a linguagem reflexiva sobre os acontecimentos localizados no passado, sejam eles no passado remoto ou recente.

A memória comporta vários significados e a partir da leitura de Marcel Proust, Henri Bergson e Maurice Halbwachs, pode-se encontrar pontos de apoio para compreendê-la: “memória voluntária - voltada a vida prática, atada ao hábito, essencial a vida, porém corriqueira e superficial; memória involuntária - espontânea, descontínua, rompe com o hábito, carregada de afetividades, representa a verdadeira memória por ser mais elevada; memórias subterrâneas – aquelas que foram encobertas para favorecer interesses particulares ou coletivos; memórias silenciadas – aquelas, que por muitas vezes, foram oprimidas pelo poder vigente e não se manifestaram; memória individual – como sendo um ponto de vista sobre a memória coletiva e estão limitadas muito estreitamente ao tempo; memória coletiva – memórias que envolvem as memórias individuais, mas não se confundem com elas”. São muitos tipos de memórias encontradas, porém importa conhecer como essa(s) memória(s) trabalha com o passado e são retratadas na historiografia, às quais são objetos de estudos de muitos historiadores, pensadores e sociólogos.

Seixas (2004, p.42) afirma:

Toda memória é fundamentalmente “criação do passado”: uma reconstrução engajada do passado (muitas vezes subversiva, resgatando a periferia e os marginalizados) e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento. [...] A memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portando do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias, significa antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações...) Noção de que a memória torna poderoso(s) aqueles(s) que a gerem e controlam(m).

Observa-se, contudo que a memória está intrinsecamente ligada ao passado e a História de forma que ambas buscam no passado a legitimação da sua existência, só existe a memória e a história por que evidentemente existe o passado, o que não significa afirmar que o passado foi descrito em sua totalidade, é impossível tanto à memória como à História dar conta do passado de forma integral, existem sempre lacunas a serem preenchidas. Diante desta afirmativa e graças a ela, sobressai a importância do historiador que em seu ofício busca preencher essas lacunas deixadas nas narrativas passadas no fulcro de se poder afirmar que haverá muitas a serem preenchidas.

A fortaleza da ciência Histórica reside na sua força de recriação, como se houvesse um movimento ascendente e contínuo de revigoração. Muitos críticos querem condenar a História, como aconteceu no início da sua configuração como disciplina autônoma, atribuindo-lhe falsidade, esquecendo-se existe em sua gênese uma capacidade inovadora que se constitui a partir das demandas do presente. Portanto, o que difere do passado, da memória e da História, são as leituras e narrativas que passam a serem impregnados de representações e apropriações, como forma de se manter o controle da memória, o poder ou a dominação dos sujeitos ou grupos mais vulneráveis.

Contudo, não se pode deixar a margem da discussão sobre o passado, a História, e a memória a importância fundamental que os costumes em comum exercem no trabalho com essas temáticas. Eles são fortes e podem interferir nas narrativas individuais e coletivas de sociedades, especialmente daquelas que foram oprimidas, pois muitas vezes, a legitimação dos usos dos costumes reflete-se na necessidade de afirmação da identidade de um povo. Percebe-se que mesmo através do uso da força ou lei, os costumes se sobressaem encontrando formas de se perpetuar e, desta forma, rememorar as memórias passadas, traduzindo-se em formas de resistência daqueles que, em grande parte, não tiveram acesso à educação formal.

Segundo Thompson (1993, p.15):

Se a muitos desses “pobres” se negava o acesso à educação, ao que mais eles podiam recorrer senão à transmissão oral, com sua pesada carga de “costumes”. Se o folclore do século XIX, ao separar os resíduos culturais do seu contexto, perdeu o sentido do costume como contexto e mentalité, deixou igualmente de perceber

a função racional de muitos costumes, nas rotinas do trabalho diário e semanal. Muitos costumes eram endossados e frequentemente reforçados pela pressão e protesto populares.

Nesta perspectiva, os costumes servem de base para as práticas culturais, na medida em que ao se enraizar essas práticas mantém-se no presente o sentimento de pertencimento a uma identidade cultural. Ao estudar a cultura africana e indígena, por exemplo, a partir do ensino de História, torna-se visível como estas etnias mesmo sendo subjugadas perpetuaram seus costumes. No Brasil quando os negros não podiam expressar os seus costumes religiosos, por serem escravos, vivenciou-se, em certa medida, o hibridismo religioso, ou seja, uma espécie de fusão entre o catolicismo e o candomblé.

Não se pode apagar a construção social enraizada na mente dos sujeitos pelo uso da força ou da opressão, em um dado momento os sujeitos buscarão formas de perpetuar as suas tradições, que se reverberam em movimentos de resistências quando são impedidos de manifestarem os seus costumes. As fugas empreendidas, a música, a literatura o resgate da memória, a reescrita da história colocando no lugar da memória os verdadeiros heróis, o ensino de história contemplando a cultura afro-brasileira e indígena se constituem em formas de lutas pelo reconhecimento de uma identidade cultural.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face o exposto, convém estar sempre revisitando os conceitos sobre o passado, a História e a memória, como também o estudo dos costumes dentro do contexto historiográfico e social, não apenas para o domínio dos seus significados, mas, sobretudo, para compreender as interfaces que cada tema opera quando se busca a verdade dos fatos e a recuperação das verdadeiras memórias. O trabalho do historiador, assim como o do professor de História estão ligados entre si e também pela inter-relação com esses temas, que por sua vez, reverberam no ensino de História. Suas dinâmicas movimentam-se como um objeto a circundar uma atmosfera. Podemos chamar esta de passado e aquele de memória ou história. O destino destes objetos certamente será o porto seguro chamado verdade.

A teia formada pelo conjunto de sujeitos complexos envolvidos no campo da História, memória e passado precisam ser compreendidos a partir das demandas do presente, como sendo o caminho por onde o historiador e o professor de História precisam transitar. O processo de colonização do Brasil deixou marcas profundas na população negra e índia e em seus descendentes, eles tiveram a sua imagem inferiorizada, não tiveram direitos de rememorar a sua origem, sendo negada a liberdade de expressão cultural. Entretanto mesmo diante das dificuldades de se manter viva as suas raízes, adotaram estratégias de sobrevivência e o legado dos

seus ancestrais não se perdeu graças à memória, a História e os costumes, que são as estradas percorridas, nem sempre pavimentadas, mas conduzem por seus caminhos complexos ao resgate da identidade sociocultural.

As relações de disputas entre História e memória, na medida em que são apropriados seus conceitos e significados, apontam para o entendimento para além das definições, direcionando para a compreensão desses temas tratando-se, também, das suas operacionalidades, assim como das inter-relações entre o passado e o presente. Neste sentido, as leituras empreendidas sobre passado, memória e História, vão além da importância do domínio teórico da disciplina História que é essencial para o ensino de História, mas também, torna-se fundamental para alicerçar de forma substancial o desenvolvimento de pesquisas nos diversos campos que compõem o ofício do historiador e do professor de história. Existe a pertinência de se transitar nestes conceitos para alcançar o domínio da práxis pedagógica e historiográfica.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Marurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais / Vértice, 1990, p. 25 – 89.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. In: Projeto História. Revista da PUC - São Paulo, n. 17, nov. 1998.

_____. **Lei 10.639/2003**. Altera a Lei 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. (DOU. Brasília, DF, 09/01/2003).

_____. **Lei 11.645/2008**. De 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil>. Acessado em 15/10/2018.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador In: GOMES, Angela M. de Castro e SCHMIDT, Benito B. **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 13-37.

MENESES, Upiano Bezerra de. História, cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n.34, 1992, p. 9-24.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, Revista da PUC – São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVA, Anderson. **Lições Sobre a África. Diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da história da África no Mundo Atlântico - 1990-2005**. Tese (Doutorado em História). UNB, Brasília, 2007.

Parecer CNE/CP 3/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, vol. 2, 03. Rio de Janeiro, p. 03-15.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p.37-58.

THOMPSON, Edward P. "Introdução: costumes e cultura". In: **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 13-24.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

